

INSVLANA

J.L. BRANDÃO DA LUZ

**O VALE DAS FURNAS  
NA LITERATURA DE VIAGENS  
DO SÉCULO XIX**



Separata da Revista "INSVLANA"  
Ponta Delgada  
1995

**O VALE DAS FURNAS  
NA LITERATURA DE VIAGENS  
DO SÉCULO XIX \***

**Prof. Doutor José Luís Brandão da Luz**

1. Na confluência de discursos independentes, descontraídos na aparência, sob a forma de impressões de viagens, excertos de diários, relatos de expedições, os Açores têm interessado personalidades de variadas épocas, de diferentes latitudes e animados por uma multiplicidade de interesses.

---

\* Conferência proferida no VII CICLO DE CULTURA AÇORIANA, realizado em Toronto, entre 27 de Setembro e 7 de Outubro de 1993, organizado pelo CENTRO DE DIVULGAÇÃO AÇORIANA NO CANADÁ.

Já no séc. XVIII alguns naturalistas visitaram demoradamente os Açores a fim de estudarem a constituição geológica, bem como a fauna e a flora. Michel Adanson (1753), botânico francês natural de Aix na Provença, e F. Masson (1777) são os primeiros de uma considerável lista que inclui nomes como Ch. Darwin, A. R. Wallace, para apenas mencionar os de maior projecção. E Bernardino de Sena Freitas, na sua *Viagem ao Vale das Furnas*, reproduz o que se presume ter sido a primeira análise das águas minerais feitas por um médico inglês, Guilherme Gourlay, e publicadas em Edimburgo em 1791.

No entanto, é principalmente no séc. XIX que tiveram lugar viagens de estudo com maior significado, não só pelo número crescente de investigações empreendidas, mas, principalmente, pelo teor da bibliografia que foi publicada. É assim que as nascentes termais das Furnas foram, em 1817, objecto de investigação do Doutor John Webster, professor da Universidade de Harvard, que permaneceu em S. Miguel durante largos tempos e publicou a célebre *Descrição da Ilha de São Miguel*.

É certo que estes trabalhos apresentavam muitas limitações que decorriam, não só da precaridade dos instrumentos utilizados na época, mas também de vícios de natureza metodológica, que comprometiam o seu valor científico. Pelo que, os estudos realizados por Luís Mouzinho de Albuquerque, em 1825, por ordem do Governo do Reino, e publicados na Imprensa Régia, logo no ano seguinte, e os que foram efectuados por Fouqué, em 1873, a pedido da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada, terão sido, no juízo de Afonso Chaves, expresso em 1905, «os únicos de verdadeiro valor até hoje publicados».

Mas se do ponto de vista científico estes trabalhos parecem pouco valiosos, completamente diferente é o seu interesse pelas informações que registam sobre a situação geral das Ilhas, a sua geografia física e humana, constituindo referências fundamentais para uma abordagem deste período da nossa história do ponto de vista económico, social e das mentalidades.

Referindo-se ao livro de Webster, é o próprio Afonso Chaves que, à guisa de prefácio para a tradução portuguesa feita pelo Dr. César Rodrigues, afirma não ser apenas «o geólogo que muito lucrará com a sua leitura, pelas observações tão originais quanto sagazes nele expostas acerca da estrutura de algumas regiões de S. Miguel, mas lê-lo-ão com interesse e proveito todos os que se interessam pelo conhecimento do estado da agricultura, do comércio e dos costumes sociais da mesma ilha no começo do século passado».

No mesmo sentido se pronunciou o Dr. Armando Cortes-Rodrigues, relativamente aos «escritores estrangeiros que nos visitaram no séc. XIX e que nos deixaram notas únicas e preciosas para o conhecimento de velhas usanças em matéria de etnografia». Para além do testemunho de John Webster, acrescenta o dos irmãos Bullar, que viveram nos Açores em 1838-39, onde escreveram *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas*, considerando-o «o mais completo, seguro, fiel e imparcial documento da vida destas ilhas açorianas de há mais de um século, com pormenores e observações que em nenhuma obra portuguesa se podem encontrar».

2. Nestes trabalhos a que aludimos e em muitos outros ainda, as Furnas constituem referência obrigatória, dedicando-lhes os seus

autores, sem excepção, extensas páginas de exaltação das belezas da paisagem, da amenidade do clima, e sublinhando o carácter ímpar da natureza e as qualidades medicinais das suas águas.

Já mesmo no que se presume ser a primeira descrição da ilha de S. Miguel, escrita no séc. XV por Diogo Gomes de Sintra, provavelmente no último quartel desse século, cerca de um século antes das *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, as características do Vale parecem suscitar já grande curiosidade. Nessa singela descrição, escrita em latim, e pertencente a um Códice da Biblioteca Real e Nacional de Munique, que contém vários relatórios sobre as descobertas dos portugueses até ao ano de 1508, a parte respeitante aos Açores, *De inventione insularum de Açores*, refere-se à ilha de S. Miguel, que como as restantes ilhas era desabitada, «ubi etiam invenerunt plures aquas calidas naturales sc. ex sulfure». A descrição da Ilha limita-se a mencionar «mons magnus plenus igne» e uma grande planície com o aspecto de cinzas a ferver, de modo que «quidquid in istam terram projinciunt consumitur immediate».

Também Valentim Fernandes Alemão, em 1507, escreve uma *Descrição das Ilhas do Atlântico*, onde, nas informações relativas a S. Miguel, para além de transcrever elementos de Diogo Gomes e da Crónica da Guiné de Gomes Eanes de Azurara, fala nas «lagoas de agoas que fervem, que se metem nellas alguma animalia por hum pouco despaço sae dy cosido que se pode comer», assim como de outras águas, «que não são tão quentes em que metem galinhas que logo são peladas», salientando como característica comum a toda essa terra, que «queima como se estivesse fogo debaixo», o sabor a enxofre que todas aquelas águas apresentam.

Na mesma era, Pompeu Arditi escreveu, em 1567, a sua *Viagem à Ilha da Madeira e aos Açores*, onde se propõe contar o que viu e

ouviu «à gente da terra digna de crédito», durante os quarenta dias que esteve em S. Miguel. Assim, refere a zona oriental da Ilha, como montanhosa e densamente povoada de cedros, e a abundância de fruteiras, cereais, gados, cultivo e comércio do pastel, registando também a notícia que teve da existência de um local onde se diz que «a duas léguas do lugar chamado de Vila Franca, dentro da montanha, há algumas furnas de enxofre, de onde se escoam, quase no mesmo ponto, dois regatos, um tão frio que se lhe não pode meter a mão dentro, outro tão quente que, metendo-se nele um porco e tirando-o logo, lá deixa a pele». E continua o seu relato, falando duma «planície no meio da qual está um lago, cuja água negríssima de continuo ferve e exala miasmas por modo que, se lá vão cães ou outros animais, logo morrem, e aos homens não causa dano», não deixando de esclarecer a via indirecta pela qual obteve estas informações, pois estas coisas, «por ser perigoso e muito alagado o caminho, não tentámos ver».

A coincidência com outros depoimentos, como o que foi registado por Walter Frederick Walker em *Os Açores ou Ilhas Ocidentais*, publicado em 1886, faz pensar que aquela descrição do séc. XVI se refere a uma localidade que o autor diz situar-se nos bosques que José do Canto possuía nas margens sul e poente da Lagoa, onde ainda hoje se encontram inúmeras espécies exóticas por ele introduzidas, como o célebre vale dos fetos, e onde Walker diz existirem «certas fundas ou fissuras no terreno, como as ‘mofetas’ da Suíça, por onde saem vapores de forte hidrogénio sulfuretado, que actuam como perfeito holocausto aos seres mais pequenos da criação, a avaliar pelos numerosos esqueletos de pequenas aves e insectos que juncam o chão».

3. As Furnas não constituem um caso ignorado nas restantes ilhas dos Açores, referindo o Marquês de Jácome Corrêa, nas suas *Leituras sobre a História do Vale das Furnas*, que já em 1616 um tal Tomé Fernandes da Vila da Praia teria sido «mandado para banhos» mais um casal de Ponta Delgada, com o patrocínio da Misericórdia desta cidade. Os micaelenses, em geral, têm a tal ponto uma consciência clara da sua importância, que Lyman H. Weeks, no seu livro *Among the Azores*, publicado em Boston em 1882, não deixou de exclamar, em tom de desabafo, que «ainda se não está vinte e quatro horas em terra e já nos perguntam vinte vezes, pelo menos: 'quando vai até às Furnas?」»

Na verdade, prossegue ele, nessa colectânea de artigos, em que publicou as suas impressões sobre o Arquipélago, «as Furnas são a atracção por excelência dos Açores», e isto fundamentalmente em virtude da profusão espantosa de nascentes de águas medicinais. Pois, mesmo o extremamente crítico e contundente Captain Boid não deixou de confessar que, «sob o ponto de vista da variedade, quantidade e qualidade, excedem tudo quanto encontrei em qualquer outra parte do mundo».

Para este sentimento generalizado decerto muito teriam contribuído os depoimentos dos que nos visitavam, mas deveriam também ter exercido uma influência decisiva os surpreendentes resultados que a população colhia nessa «maravilhosa poli-farmácia da natureza», como lhe chamou Walter Walker. É que a população afluía em grande número, de todas as partes da Ilha e de fora dela, para procurar alívio para os seus padecimentos mais variados, com destaque para os reumatismos, tão disseminados devido à humidade do clima, e as doenças de pele, tão frequentes em virtude de deficiências da alimentação.

O reconhecimento das propriedades terapêuticas das águas das Furnas deve remontar a épocas muito recuadas, muito naturalmente desde que os habitantes da Ilha tomaram contacto com o Vale. Lyman H. Weeks, embora tivesse conhecido as Furnas numa época em que se encontrava já em pleno funcionamento o moderno balneário, ainda hoje designado por «Banhos Novos», colheu informação da forma extremamente primitiva como noutros tempos as pessoas tomavam o banho: «num buraco escavado na terra e cheio de água através de um canal, dirigido nesse sentido».

Desde estas formas primitivas de uma completa ausência de estruturas que permitissem à população usufruir as virtualidades das águas, a situação foi sendo progressivamente melhorada, graças à construção de pequenos balneários junto às respectivas nascentes pela iniciativa de particulares. Os primeiros que se conhecem, diz-nos o Dr. Urbano de Mendonça Dias, na sua *História do Vale das Furnas*, são os banhos de Sant'Ana, no Sanguinhal, que teriam sido construídos no tempo da organização do cadastro dos bens confiscados aos jesuítas, portanto após a sua expulsão em 1760. Estes banhos passaram depois a ser conhecidos por banhos do *tio Cabaço*, alcunha do seu ulterior proprietário.

Também Félix de Valois e Silva, no opúsculo que escreveu sobre as águas minerais das Furnas, na sequência do tratamento que efectuou com êxito em 1790 contra «a tiranna molestia escrofulosa» de que padeceu durante oito anos, mencionava a «choupana» que D. Maria Madalena da Câmara mandara construir para tratamento do reumatismo que lhe tolhia os movimentos. Nesta cabana coberta de palha, conta o Marquês de Jácome Corrêa que «as banheiras eram de madeira e serviam por um ano somente enterradas uns 30 a 40

centímetros na terra, com buracos tapados por batoques no fundo, que serviam ao escoamento».

Os «banhos» eram assim conhecidos pelos nomes dos respectivos proprietários: tínhamos os banhos do Senhor Tomás Hickling, que foi o primeiro cônsul dos Estados Unidos nos Açores e grande dinamizador do Vale, a ele se devendo a construção do parque pertencente hoje ao *Terra Nostra*, que depois passou para o Visconde da Praia que também introduziu nele importantes beneficiações e o ampliou. Havia ainda os banhos do Barão das Laranjeiras, do Senhor José Maria Raposo do Amaral e outros. Qualquer pessoa poderia edificar um balneário para uso pessoal e de sua família, contanto que reservasse um sector dos mesmos para uso público ou construísse outro para o mesmo fim.

Estes balneários, embora representassem um significativo melhoramento com relação às deploráveis condições que descrevemos acima, apresentavam um aspecto muito pouco convidativo, achando-os Joseph Bullar com a «aparência de subterrâneos». O Capitão Boid confessa mesmo que só com grande força persuasiva se poderia convencer «uma pessoa civilizada» a utilizar aquelas instalações, «de aspecto tão repugnante», que nem sequer têm comparação com a cocheira de qualquer *gentleman* inglês ou uma possilga na Inglaterra. Também o jornalista Lyman H. Weeks fala desses «pequenos edifícios pouco convidativos, sujos por dentro e por fora, providos de enormes pias servindo de banheiras».

Todavia, a exploração dos banhos não estava dependente apenas da iniciativa de particulares, tendo também as instituições de solidariedade social, como a Misericórdia de Ponta Delgada, e os poderes públicos, como as autarquias, mostrado um assinalável empenhamento em melhorar as condições do termalismo no Vale.

A Câmara da Povoação mantinha o funcionamento dos designados banhos das queimaduras, férreos e mistos (Chalet). Todavia, era urgente dar resposta condigna à crescente procura que esses balneários passaram a ter e melhorar o cenário, que Walker, em contraste com a pitoresca e animada descrição do Marquês de Jácome Corrêa, classificava de deprimente, atendendo aos aglomerados de «doentes agrupados em volta da entrada do balneário que lhes é especialmente destinado, alguns de muletas, outros demasiado fracos para se manterem de pé, deitados em esteiras, aguardando com paciência a sua vez, formando um quadro vivo e sugestivo do 'tanque' junto ao qual jazia uma grande multidão de inválidos, cegos, coxos, enfezados à espera que a água se agitasse, prova eloquente das propriedades curativas destas águas».

4. Perante este quadro de abandono e incapacidade para explorar as potencialidades naturais da região, não admira que começassem a surgir no horizonte timoneiros cheios de vontade para alterar esse estado de coisas. Assim, Thomas Ashe, na sua *History of the Azores or Western Islands*, publicada em 1813, apresenta vários argumentos com vista a demonstrar ao governo inglês a importância dos Açores para o *British Empire*. Para tal, preconizava a sua ocupação e transformação numa colónia britânica. As vantagens que daí provinham relacionavam-se com a situação estratégica dos Açores, no centro do Atlântico, entre os três continentes, a produção de vinho de que a Inglaterra carecia e a sua utilização, quer como base de treino militar dos contingentes a mobilizar para as colónias inglesas, quer como colónia penal de alta segurança, onde os criminosos se não poderiam evadir com facilidade.

Também o Capitão Boid, em 1835, faz alarde dos benefícios que, num curto espaço de tempo, a administração inglesa traria às ilhas, transformando a situação de deplorável abandono e desprezo a que estavam votadas pelo governo português «numa espécie de paraíso terreal e em populosa terra de abundância, vigor e prosperidade». A expansão da navegação a vapor colocaria os Açores ao alcance de todas as partes da Europa, pois o governo inglês encarregar-se-ia de fazer a promoção das «virtudes curativas das inúmeras e valiosas águas minerais que lá abundam», ao mesmo tempo que se encarregaria de dotar o Vale dos requisitos indispensáveis a uma estadia confortável e de uma orientação médica adequada à conveniente utilização das termas. Deste modo, não hesita em afirmar, «com absoluta convicção», que se as ilhas estivessem na posse dos ingleses, as Furnas, com as suas caldeiras, «tornar-se-iam, por si sós, uma fonte de prosperidade para estas ilhas» e em breve trecho estariam transformadas numa florescente hidrópole termal, segundo o modelo das estâncias inglesas, como Cheltenham, «com os seus banhos, sala de beber a água, bibliotecas, hotéis, casas de hóspedes e passeios, em conjugação com todos os restantes requisitos que contribuem com o seu conforto e luxo para o bem-estar de visitantes doentes ou sãos».

Tirando a curta expedição de Luís Mouzinho de Albuquerque, em 1825, o governo central parece que nunca se interessou verdadeiramente em aproveitar sequer este manancial inesgotável que jorrava da natureza e poucos usufruíam. E foi com base no investimento das forças vivas da Ilha que a situação foi progressivamente melhorando. Assim, a Misericórdia de Ponta Delgada fez construir, no começo, à esquerda, da rua que desce para

as Caldeiras, um Hospital, hoje demolido, com duas enfermarias com a capacidade para internar cerca de 40 doentes enviados a fazer cura de águas. Lyman Weeks fala ainda da existência de «um lar para doentes pobres» e Walter F. Walker diz que a Câmara de Ponta Delgada mantinha nesse Hospital, em efectividade de funções, durante os meses de funcionamento, «um médico com a obrigação de elaborar um relatório sobre o efeito das águas, em cada um dos variados casos aqui chegados para tratamento, e ainda de estudar a ciência, até agora muito descuidada, da balneoterapia».

Para fazer face à aflitiva incapacidade de resposta dos pequenos balneários para atender à crescente procura dos aquistas, começou a ser construído em 1863, em virtude de persistentes diligências efectuadas junto do Governo Central pelo Governador do Distrito, Dr. Félix Borges de Medeiros, e pela Junta Geral, um estabelecimento termal de muito boas condições, onde as diferentes referências que lhe são feitas coincidem em sublinhar o seu nível europeu.

Esta estância termal, que ainda hoje designamos por Banhos Novos, foi construída no local onde se situavam os banhos das quenturas e começou a receber doentes em 1870, apesar de não se encontrar ainda concluída. Apresenta a magnífica e imponente, mas sóbria, traça original, embora os tratamentos que lá se fazem actualmente ultrapassem de longe os banhos de imersão de águas sulfúreas e férreas, que inicialmente apenas dispunham. Ao longo da sua já secular existência, as instalações foram objecto de beneficiações várias, que permitiram explorar outras potencialidades do local, como as que Walker em 1886 já lamentava não estarem aproveitadas, apesar de considerar fácil a sua instalação, como eram

os banhos de vapor, os tratamentos de inalação, os jactos de água para tratamento de afecções brônquicas e reumáticas, já então em uso em muitas estâncias termais do mundo.

5. O valor terapêutico do termalismo, conhecido ao que parece desde há mais de um milénio antes da nossa era, tem tido defensores mais ou menos entusiastas ao longo dos tempos, consoante os êxitos que a sua utilização tem conhecido. Mas os vários autores que citámos fazem notar que uma grande parte dos aquistas do Vale utilizava as águas de um modo meramente empírico. Por esta razão assumem um posição interventora, preconizando a urgente alteração deste estado de coisas. Deste modo, a par das medidas que propõem uma mudança de soberania como o único passo certo na direcção do progresso, outros avançam sugestões muito positivas, que acabaram por ir sendo gradualmente implementadas, enaltecendo a importância da iniciativa governamental em apoiar a assistência médica das termas, nomeadamente no que se refere ao aconselhamento do tratamento dos doentes, à análise química das propriedades das nascentes, à elaboração de relatórios dos casos tratados e à sua divulgação pelos centros congéneres, chegando mesmo W. F. Walker a incentivar «os que sofrem de afecções crónicas ou tendência para congestões, a consultarem o médico ilhéu, que aqui permanece durante a estação dos banhos, antes de se entregarem ao uso regular de qualquer destas águas, muito especialmente as sulfurosas, muito enérgicas».

A recessão que atingiu o termalismo abalou um sector que entretanto havia alcançado uma dimensão significativa no contexto económico, pois grande número de serviços ligados ao turismo

constituíam apoio indispensável ao preenchimento da estadia, não apenas dos aquistas, como também dos respectivos acompanhantes. Porém, a vertente fundamental do termalismo não poderá de modo algum ignorar a sua estreita dependência ao domínio da saúde. Com efeito, o termalismo constitui hoje um campo específico das ciências médicas, a medicina hidrológica, que, como qualquer forma de medicina, envolve necessariamente uma componente de diagnóstico, de prescrição consequente e acompanhamento do evoluir do processo terapêutico.

Ainda recentemente, num seminário realizado nas Furnas, pela Associação Nacional dos Municípios Portugueses, em 7 e 8 de Maio do corrente ano, ouvimos o Prof. Ramiro Valentim procurar justificar a terapêutica que o termalismo torna possível, com base na «utilização das potencialidades químicas de águas naturais (...) para restabelecer equilíbrios desajustados, nas células e entre as células, e, deste modo, permitir o retorno a uma melhor qualidade de vida». É que, como então explicou, o líquido existente no interior das células que constituem o organismo apresenta uma composição análoga à dos mares primitivos onde, há cerca de 3 800 milhões de anos, se isolou pela primeira vez a vida celular, como se conhece hoje a partir do estudo dos estratos geológicos onde a Vida nasceu. Deste modo, a eficácia do termalismo reside na actuação de elementos naturais que poderão restabelecer o equilíbrio da biologia celular. Este é, por conseguinte, um processo que envolve uma penetração lenta e cujos efeitos terapêuticos, ao contrário do que acontece com a terapia medicamentosa, «costuma ocorrer depois do fim do tratamento termal e perdurar vários meses, se não anos, para além do fim do mesmo».

O termalismo constitui assim um domínio específico de especialização da medicina, apoiado por uma complexa investigação realizada no campo da bioquímica, fisiologia, etc., o que o coloca hoje a uma distância muito considerável daquela empiria que os autores ingleses denunciavam na utilização dos banhos das Furnas. A situação hoje está radicalmente alterada, já que a utilização das termas só é possível com prescrição e acompanhamento médico.

6. Hoje, como no passado, as Furnas constituem um centro turístico por excelência da Ilha de S. Miguel. As suas nascentes de água quente são conhecidas na Inglaterra desde 1625, quando Thomas Turner as descreveu, agrupando-as em três ordens: a primeira, formada por «águas em perpétuo ferver com terrível bulha e grande calor; a segunda de calor intolerável que em pouco tempo escalda qualquer ser vivo, e o mata, sendo também impossível ali estar de pé, pelo calor do chão, mas a água é calma; a terceira é quente, porém apropriada ao banho». E Lyman Weeks, nos finais do século passado, atesta a difusão da sua fama pela Europa e América e salienta a atracção que tem exercido em diversos sábios do estrangeiro, da Inglaterra e da França, que estudaram a sua composição.

O interesse pelo Vale tem continuado a crescer e invadido mesmo outros campos, como o da vulcanologia. Uma tal situação se, por um lado, muito contribui para continuar a manter as Furnas como centro de atracção turística e de pesquisas científicas, por outro lado, confere à população do Vale um carácter peculiar, que faz com que a sua interioridade geográfica, em contraste com os demais agregados populacionais da Ilha e dos Açores em geral, que se localizam no

litoral, não lhe confira um perfil de isolamento que as Furnas nunca conheceram, como ainda recentemente foi demonstrado num estudo de docentes da Universidade dos Açores, publicado numa revista de Coimbra, sobre o índice de consanguinidade e de endogamia nos casamentos, a partir dos últimos vinte anos do século passado.

Ao concluir esta intervenção, devo salientar que o interesse pelos Açores se não circunscreve aos homens de ciência que, paralelamente à missão de que vinham incumbidos, se sentiram motivados para registar as impressões que guardaram das Ilhas. Os Açores interessaram também vários autores portugueses, alguns dos quais já referimos acima, tendo constituído tema de estudos etnográficos, como os de Leite de Vasconcelos, no seu *Mês de Sonho* (1926), escrito quando integrava a comissão de intelectuais que visitou os Açores em 1924. Mas, por outro lado, também inspirou obras de primeira grandeza da literatura portuguesa, onde avultam os nomes de Raul Brandão, que em 1926 publicou *As Ilhas Desconhecidas*, e Vitorino Nemésio, no seu *Mau Tempo no Canal*, que David Mourão Ferreira define como um «romance de situações e de atmosferas, de costumes e de estados de alma», e onde, com traços expressivos, se traça o retrato da sociedade açoriana de há mais de setenta anos, com uma «minuciosa anotação da terra, dos usos e costumes, dos traços étnicos, das delimitações sociais, da descrição a roçar o enlevo folclórico, dessa etnografia onde se sente o olhar atento de um escritor seduzido por qualquer forma de cultura em todos os espaços e tempos», conforme escreveu Martins Garcia.

Das inúmeras envolventes que determinam a configuração do tecido social, o fenómeno cultural aparece como o elemento integrador que desenha o perfil de um Povo, marcando os traços da

sua identidade original. Neste sentido, pensamos que as obras a que nos referimos valem fundamentalmente pelo universo que elas nos dão acesso e que de outro modo estaria para nós irremediavelmente ausente da nossa memória. A compreensão desses textos, quanto a nós, não se realiza senão na transição da sua temática para o ambiente que a partir deles se nos abre e que constitui a sua atmosfera vital. Estamos em crer que o seu sentido jamais se poderá confinar aos limites da nossa discursividade. É que essas obras provocam sempre em nós uma certa perturbação, pois oferecem-nos a possibilidade de desdobrar uma nova visão do meio ao qual todas elas se referem. Este constituiu tão somente um modesto contributo para esse desdobrar.

### Referências Bibliográficas

Para além da bibliografia que se encontra suficientemente referenciada no texto, registo apenas, seguindo a ordem do seu aparecimento, a que, não sendo tão conhecida, foi directamente utilizada.

H. Amorim FERREIRA «Naturalistas Britânicos nos Açores», in *Insulana*, 2 (1946) 4, pp. 531-546. Trata-se de parte de uma conferência proferida pelo autor no Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa sobre as relações científicas luso-britânicas no campo das ciências físicas e da natureza e publicado integralmente na *Biblioteca de Altos Estudos da Academia*, em 1943. Este capítulo refere-se particularmente à importância dos Açores no conspecto dessas relações. Fala nas primeiras informações sobre as nascentes termais das Furnas, na Ilha de S. Miguel, que teriam chegado à Inglaterra em 1625, através duma publicação que relatava a viagem efectuada por Thomas Turner. Dá ainda informação sobre Guilherme Gourlay que publicou, nos finais do séc. XVIII, em Edimburgo, uma «relação das águas minerais da ilha portuguesa de S. Miguel» e menciona a passagem de C. Darwin pela Ilha Terceira em 1836, bem como o interesse que A. R. Wallace manifestou pela fauna e flora dos Açores.

Teotónio da Silveira MONIZ - «Naturalistas estrangeiros nos Açores. I - M. Adanson», in *Insulana*, 4 (1948) 1, pp. 63-69, em que salienta o trabalho publicado por Adanson, o primeiro naturalista que visitou os Açores com intuítos científicos. Recolheu nos Açores

elementos para o suplemento à *Encyclopédia* de Diderot e D'Alembert, que no total consta de «120 volumes manuscritos e de 75 000 desenhos» sobre história natural e filosofia das ciências.

John WEBSTER - *Descrição da Ilha de S. Miguel*, publicado em Boston em 1821, in *Arquivo dos Açores*, XIII, Ponta Delgada, 1983, pp.36-50; 128-155 e 349-373.

Francisco Afonso CHAVES - «A temperatura das nascentes termas das Furnas na Ilha de S. Miguel», publicado em 1905, in *Arquivo dos Açores*, XIII, Ponta Delgada, 1983, pp. 114-119.

Os livros de Bernardino de Sena Freitas e de Luís Mouzinho de Albuquerque foram recentemente reeditados pela Eurosigno e pela Câmara Municipal da Povoação, estando o dos Irmãos Bullar editado pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada.

As descrições efectuadas por Diogo Gomes de Sintra e Valentim Fernandes Alemão encontram-se no *Arquivo dos Açores*, I, pp. 77-81 e 143-152, assim como na *Insulana*, vols. 5 e 6 (1951). Quanto a Pompeu Arditì, cf. *Insulana*, 8 (1952) 3-4, pp. 237-243, que apresenta a tradução da parte referente a S. Miguel. Trata-se de um manuscrito encontrado na Biblioteca Oliveriana de Pesaro e que foi originariamente publicado em 1934, em Florença, por Trindade Coelho e Guido Batteli, na «Colecção de Documentos para o Estudo das Relações Culturais entre Portugal e Itália».

Marquês de JACOME CORREA - *Leituras sobre a História do Vale das Furnas*, Ponta Delgada, Oficinas de Artes Gráficas, 1924. Obra fundamental para perceber como o incremento concedido à exploração agrícola, iniciada pelos Jesuítas, contribuiu para fixar a

população no Vale e como o desenvolvimento do termalismo transformou «as Furnas rusticas dos inhamaes e das creações de gado», melhorando significativamente o seu parque habitacional e favorecendo a construção de infra-estruturas hoteleiras.

Urbano de MENDONÇA DIAS - *História do Vale das Furnas*, Vila Franca do Campo, Empresa Tipográfica Lda., 1936.

Félix de Valois e SILVA - *Descrição das águas minerais das Furnas na Ilha de S. Miguel*, in *Arquivo dos Açores*, VIII, pp. 437-446.

Walter F. WALKER - «Os Açores ou Ilhas Ocidentais», cap. XII, in *Insulana*, 24 (1968), pp.178-224. Originariamente publicado em Londres em 1886. A obra manifesta um apurado sentido crítico na pormenorizada descrição das termas e das suas potencialidades, assim como das Furnas em geral, enaltecendo nomeadamente a beleza das raparigas, «com razão consideradas como as mais formosas da ilha», ostentando algumas delas «formas perfeitamente helénicas».

Lyman H. WEEKS - *Among the Azores*, publicado em Boston em 1882, contém 26 litografias sobre os Açores. Trata-se duma colectânea de artigos enviados pelo autor durante a sua permanência nos Açores para vários jornais e revistas da América do Norte. A tradução destas impressões sobre o Arquipélago foi feita pelo Dr. João Anglin que as publicou na *Insulana*, com o título «Nos Açores». Iniciada no v. 14 (1958), a parte referente a S. Miguel tem um capítulo intitulado «Vale das Furnas», pp. 262-272.

Captain BOID - *A description of the Azores or Western Islands from personal observation*, originariamente publicado em Londres

em 1835 e traduzido pelo Dr. João Anglin em vários números da *Insulana* com o título «Descrição dos Açores ou Ilhas Ocidentais». Chamamos particularmente a atenção para o cap. VII, no v. 6 (1950) 3-4, pp. 286-294., e para o cap. II da II parte, no v. 7 (1951) 1-2, especialmente as pp. 70-80.

Manuela LIMA e António Onofre SOARES - «Níveis de consanguinidade e endogamia na população das Furnas (São Miguel - Açores)», in *Antropologia Portuguesa*, 9-10 (1991-92), pp. 33-42.

João Emanuel Cabral LEITE - *Estrangeiros nos Açores no Século XIX - Antologia*, Ponta Delgada, Eurosigno Publicações, 1991. Para além da selecção de textos que dão uma visão panorâmica de aspectos variados das vivências açorianas, apresenta indicações bibliográficas para um melhor conhecimento da época.